

## IPCA SOBE 0,53% EM JUNHO, PUXADO PELA ALTA DA ENERGIA ELÉTRICA

A inflação, medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), desacelerou o crescimento para 0,53% em junho, depois de registrar alta de 0,83% em maio. Em junho de 2020, a taxa mensal foi de 0,26%.

Dos nove grupos de produtos e serviços pesquisados pelo IBGE, apenas comunicação registrou queda no mês. A maior contribuição para a alta do IPCA veio do grupo habitação (1,10%) em razão, especialmente, do aumento no preço da energia elétrica (1,95%). Em junho, passou a valer a bandeira tarifária vermelha patamar 2, que tem o custo adicional de R\$ 6,23 para cada 100kWh consumidos, o que contribuiu significativamente para o aumento. Ressalte-se que em maio a variação dos preços da energia elétrica foi bem superior (5,37%), apesar da bandeira tarifária vigente ser a vermelha patamar 1, com custo adicional de R\$ 4,169 para cada 100kWh. Isso ocorreu em razão dos reajustes tarifários autorizados para muitas concessionárias, que passaram a valer a partir de maio.

Na sequência, as maiores contribuições para a alta do IPCA no mês vieram grupo alimentação e bebidas (0,43%) e transportes (0,41%). A alimentação no domicílio passou de 0,23% em maio para 0,33% em junho, em razão dos aumentos no leite longa vida (4,03%), café moído (3,41%), frango (2,19%) e carnes (1,32%). Por outro lado, houve queda expressiva em itens do grupo, como batata-inglesa (-15,38%), a cebola (-13,70%), a manga (-10,01%), o tomate (-9,35%) e o arroz (-1,06%).

O grupo transportes teve alta de 0,41% pois também é impactado pelo aumento nos preços dos combustíveis, que subiram 0,87% no mês, com destaque para os aumentos no etanol (2,14%), no óleo diesel (1,10%) e na gasolina (0,69%). No acumulado nos últimos 12 meses, o IPCA registra alta de 8,35%. No caso de alimentos e bebidas, a alta acumulada é de 12,6% e de 15,3% para alimentação no domicílio.

Para os próximos meses do ano, é esperado um arrefecimento no aumento dos preços, mas de forma insuficiente para garantir que o IPCA encerre 2021 próximo a meta de inflação para o ano, de 3,75%. O regime de metas para a inflação está vigente no País desde 1999. A meta anual, estipulada pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), é o nível desejável de preços médios da cesta de bens e serviços que compõem o IPCA definida com base na Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) do IBGE.

Até 2016, a meta de inflação era fixada com dois anos de antecedência, mas desde 2017 a definição passou a ser feita três anos antes com o objetivo reduzir as incertezas e melhorar a capacidade de planejamento das famílias, do setor produtivo e do governo.

No dia 24 de junho, o CMN definiu a meta para 2024 em 3,00% e manteve as metas de inflação para 2022 (3,50%) e para 2023 (3,25%). Além da meta, é definido um intervalo de tolerância para mais ou para menos – que desde 2017 é de 1,5 ponto percentual – dado o fato de as medidas de política monetária levarem um tempo para surtirem efeito sobre o comportamento dos preços.

Na expectativa do Boletim Focus, a inflação encerrará 2021 em 6,07%. Caso a expectativa se concretize, o Banco Central deverá explicar em carta aberta ao Ministério da Economia as razões do não cumprimento da meta, quais ações serão adotadas para que a inflação volte a flutuar dentro dos limites estabelecidos e em que prazo se espera que essas providências surtam efeito.

# Comunicado Técnico

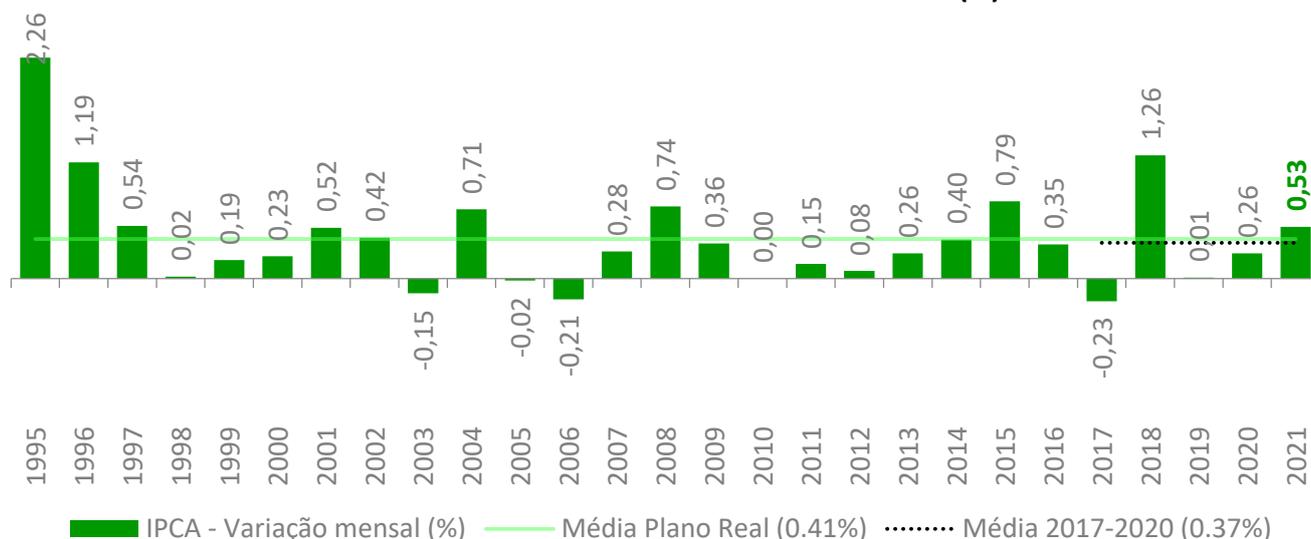
IPCA – Junho de 2021

Edição 20/2021 | 12 de julho

www.cnabrazil.org.br

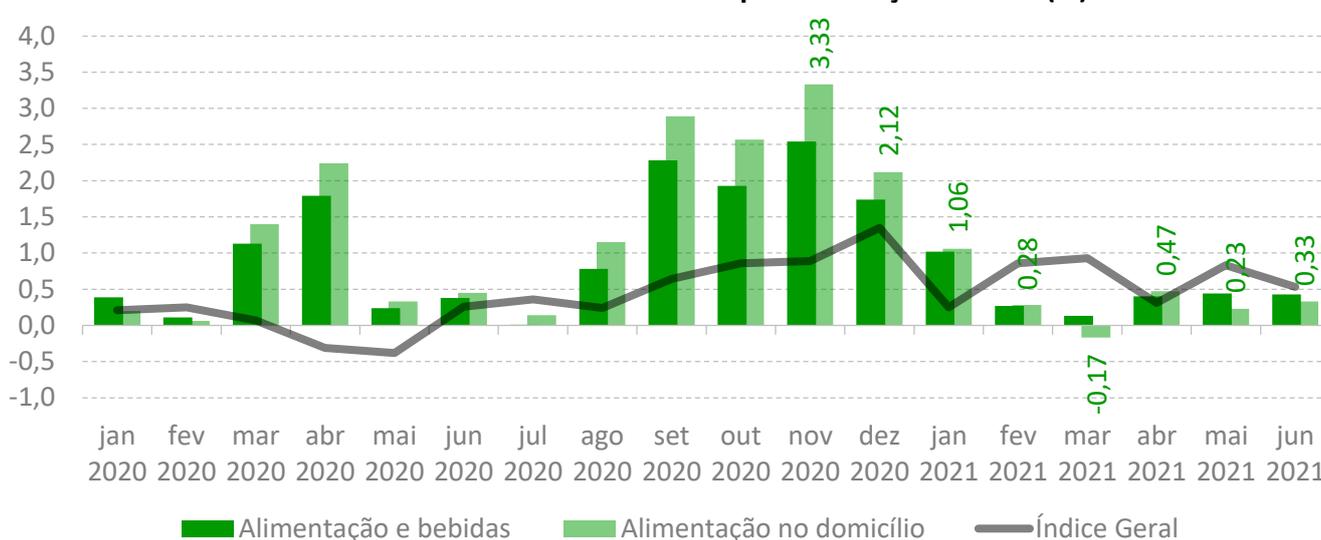


Gráfico 1 - IPCA - Meses de Junho de Cada Ano (%)



Fonte: IBGE. Elaboração: DTEC/CNA.

Gráfico 2 - IPCA – Índice Geral e Grupos – Variação mensal (%)



Fonte: IBGE. Elaboração: DTEC/CNA.

Desde o início de 2021, a inflação vem registrando crescimento mais acelerado ainda em razão dos efeitos do câmbio mais depreciado sobre insumos importados e os domésticos referenciados em dólar; da oferta de insumos ainda em processo de normalização com a reestruturação gradativa das cadeias produtivas; mas, principalmente, pela aceleração dos preços administrados, resultado da recomposição de reajustes contratuais adiados em 2020. Com isso, o IPCA acumula alta de 3,76 no ano.

# Comunicado Técnico

IPCA – Junho de 2021

Edição 20/2021 | 12 de julho

[www.cnabrazil.org.br](http://www.cnabrazil.org.br)



No caso de preços administrados (ou monitorados), os principais itens que vem provocando aceleração do IPCA no ano são energia elétrica, combustíveis (principalmente gasolina e óleo diesel), gás de botijão e produtos farmacêuticos. No item energia elétrica, além dos reajustes tarifários para as concessionárias, a crise hídrica tem pressionando ainda mais o aumento dos preços. A bandeira vermelha, acionada pela Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL) em junho, foi mantida em julho e sofreu um reajuste do valor da bandeira em 52%. Com isso, a taxa passará de R\$ 6,24 por 100 kWh para R\$ 9,49 por 100 kWh. A Aneel prevê que a bandeira vermelha 2 ficará acionada até, pelo menos, novembro. A partir de dezembro, dependendo das condições dos reservatórios das usinas hidrelétricas, a agência pode reduzir a bandeira para a vermelha patamar 1 ou amarela. Ressalte-se que a ANEEL abriu no dia 1º/7 consulta pública para decidir se a bandeira tarifária vermelha patamar 2 terá novo reajuste para R\$ 11,5 por cada 100 kWh.

Além da energia elétrica, os preços de combustíveis também tiveram alta expressiva em 2021, tanto pela desvalorização cambial como pelo aumento dos preços do petróleo, o que impacta o valor dos seus derivados, com reflexos também sobre os preços de bens e serviços em razão do encarecimento do custo de transporte. As pressões de custos sobre os preços administrados em 2021 fizeram o grupo saltar de uma alta de 2,6%, em dezembro de 2020, para uma alta acumulada de 13,0% nos últimos 12 meses encerrados em junho de 2021. No ano, o grupo acumula alta de 7,1%.

No caso dos preços de alimentos, por um lado, a expectativa era de que a recente valorização cambial – parcialmente revertida nos últimos dias, com o dólar voltando a operar acima de R\$ 5,20 – associada ao aumento da produção nacional de grãos para este ano contribuísse para o arrefecimento das pressões sobre os preços do grupo, e em especial de alimentos no domicílio. Os preços do grupo vêm registrando expressivo arrefecimento quando comparados a 2020. No acumulado de janeiro a junho, alimentos e bebidas registra alta de 2,72%, contra 4,10% em igual período de 2020. No caso de alimentação no domicílio, a alta é de 2,22% ante 4,75% na mesma base de comparação.

Por outro lado, é importante destacar que a crise hídrica pode apresentar impacto na produção de hortifrúti, onde um possível racionamento de água poderá prejudicar seriamente a oferta desses produtos. A irrigação é atividade essencial na produção de várias frutas e hortaliças, e a baixa disponibilidade de água deverá encarecer ainda mais os produtos deste setor. A análise é diferente para o caso do milho. O milho 2ª safra reduziu o potencial produtivo com a falta de chuvas e um plantio muito atrasado em praticamente todas as principais regiões produtoras. Segundo o boletim de acompanhamento de safra de julho da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), a estimativa para a produção de milho de 2ª safra é de 66,97 milhões de toneladas. Em abril de 2021, a projeção era de 82,61 milhões de toneladas. Os cortes nas projeções ocorreram devido à falta de chuvas durante praticamente todo o período de desenvolvimento das lavouras, e neste último mês, as baixas temperaturas no Paraná pioraram ainda mais a situação no campo, com geadas prejudicando muito a produção.

# Comunicado Técnico

IPCA – Junho de 2021

Edição 20/2021 | 12 de julho

www.cnabrazil.org.br

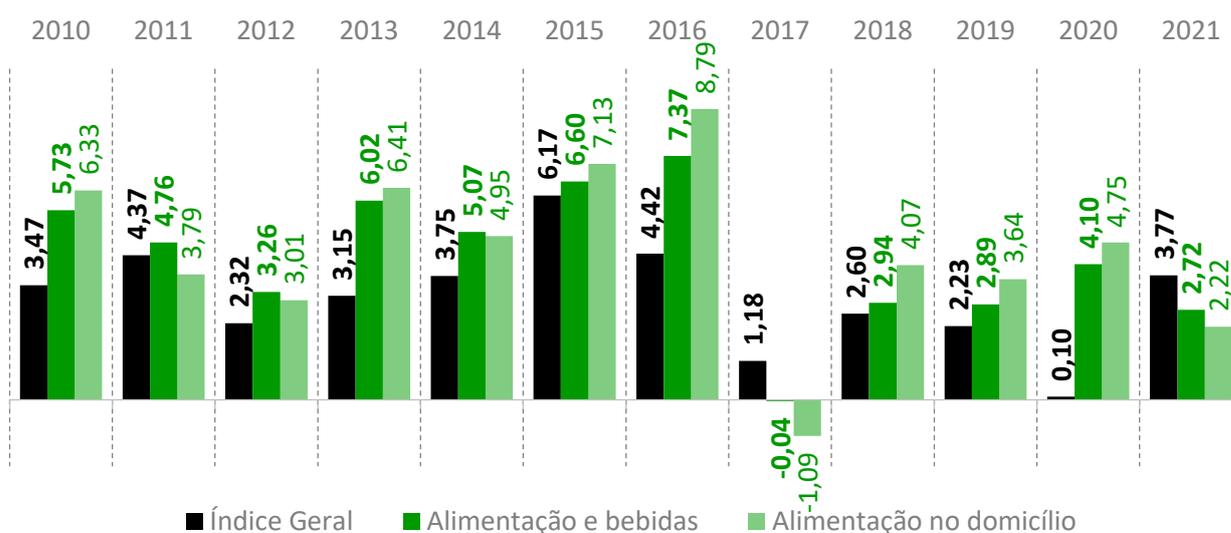


Por fim, a desvalorização cambial ainda segue em patamar elevado, contribui para o encarecimento dos insumos importados e os domésticos referenciados em dólar. Com o câmbio depreciado, sobem os preços de insumos agrícolas, como defensivos e fertilizantes, o que pressiona os custos de produção nas lavouras. Segundo dados levantados pelo projeto Campo Futuro CNA/SENAR, o custo do fosfato monoamônico (MAP) teve aumento de 77% em um ano (maio/2021 contra maio/2020), o cloreto de potássio (KCL) subiu 41% e a ureia teve alta de 49%.

Os preços de bens industriais, por sua vez, tiveram forte aceleração em 2021. Ano passado, houve forte crescimento de custos da produção do setor em função da interrupção e da desestruturação das cadeias produtivas, da falta de estoques e de dificuldades em obter matérias-primas e outros insumos (como capital e trabalho). Parte desse custo acabou represado em razão da fraca demanda, mas este ano já começou a ser repassada com maior intensidade ao consumidor final. Preços industriais já acumulam alta de 4,94% entre janeiro e maio de 2021 contra queda de 0,50% em igual período de 2020.

A inflação de Serviços, que em 2020 foi a menor da série histórica (1,7%), estagnou em baixo patamar nos primeiros seis meses de 2021 de forma que nos seis primeiros meses de 2021 registrou crescimento de apenas 0,87%. No acumulado em 12 meses, o grupo registra alta de 2,26%. A manutenção dos reajustes de preços do setor de serviços em baixo patamar decorre do recrudescimento da crise pandêmica, que impacta fortemente a demanda em razão restrições à circulação de pessoas, além do mercado de trabalho ainda fortemente deteriorado. A recomposição dos preços do setor somente deve ocorrer a partir do avanço mais robusto da imunização da população, que garantirá o amplo acesso aos serviços ofertados e a maior capacidade de consumo das famílias por esses serviços, com a melhora do emprego e da renda.

Gráfico 3 - IPCA – Índice Geral e Grupos – Acumulado no Ano (%)



Fonte: IBGE. Elaboração: DTEC/CNA.

# Comunicado Técnico

IPCA – Junho de 2021

Edição 20/2021 | 12 de julho

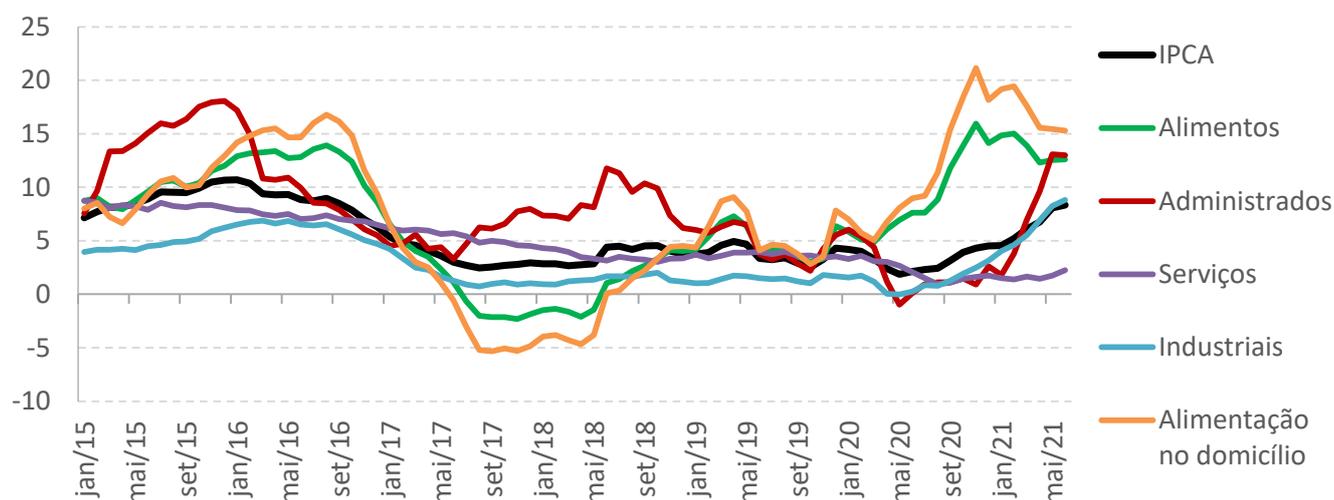
www.cnabrazil.org.br



Nos últimos 12 meses encerrados em maio, o IPCA acumulou alta de 8,34%, 6,21 pontos percentuais superior à taxa de 2,13%, observada no mesmo período de 2020. Com isso, a inflação encontra-se em trajetória acima da meta estipulada para 2021, de 3,75% ao ano.

Em razão disso, o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central do Brasil (BC) deve continuar elevando a taxa básica de juros (Selic) nos próximos meses a fim de impedir que a inflação de 2021 ultrapasse o teto da meta (de 5,25%) e, especialmente, para ela convirja para o centro da meta em 2022 (3,5%). Desde março, a autoridade monetária iniciou um ciclo de aumento da taxa básica de juros e a expectativa, segundo o boletim Focus, é que a Selic alcance 6,50% ao ano no fim de 2021.

Gráfico 4 - IPCA – Índice Geral e Grandes Grupos – Acumulado em 12 meses (%)



Fonte: IBGE. Elaboração: DTEC/CNA.

As tabelas 1 e 2 mostram os principais alimentos consumidos no domicílio que tiveram maior impacto, tanto em termos de alta como de baixa, levando em consideração a ponderação de cada item no IPCA de junho, e suas respectivas variações mensais de preço.

Tabela 1. Maiores Impactos de Alta - Produtos Seleccionados

Produtos	Variação (%)	Impacto (p.p.)
Leite longa vida	4,03	0,028
Café moído	3,41	0,010
Frango em pedaços	2,19	0,014
Carnes	1,32	0,041

Fonte: IBGE. Elaboração: DTEC/CNA.

# Comunicado Técnico

IPCA – Junho de 2021

Edição 20/2021 | 12 de julho

www.cnabrazil.org.br



**Tabela 2. Maiores Impactos de Baixa - Produtos Selecionados**

Produtos	Variação (%)	Impacto (p.p.)
Batata-inglesa	-15,38	-0,028
Cebola	-13,70	-0,019
Manga	-10,01	-0,006
Tomate	-9,35	-0,021
Arroz	-1,06	-0,008

Fonte: IBGE. Elaboração: DTEC/CNA.

As razões para os resultados das tabelas 1 e 2 são apresentados em mais detalhes a seguir:

## **Principais Altas de Preço no mês de Junho/2021:**

**Leite longa vida** – A entressafra de leite vem provocando maior competição das indústrias pela matéria prima, trazendo valorização de 8% no preço recebido pelo produtor, conforme dados do Cepea – Esalq/USP, atingindo R\$ 2,20/litro. O principal motivo para o aumento no preço são os custos de produção devido à piora na qualidade das pastagens em razão da seca em importantes bacias leiteiras e, ao mesmo tempo, ao aumento expressivo nos custos do concentrado, dado que o preço da soja e do milho, principais componentes da alimentação concentrada para o gado, encontra-se elevado no mercado internacional e também no mercado doméstico devido aos baixos estoques e/ou ao câmbio ainda desvalorizado. Ressalte-se que no período de seca, a alimentação concentrada é de extrema importância para evitar quedas vultuosas nos volumes de produção de leite.

**Café moído** – além da menor produção de café, já esperada, em função da bialidade negativa, as áreas de produção de café arábica foram afetadas pelo déficit hídrico no segundo semestre de 2020. Assim, os preços mais elevados no mercado internacional foram refletidos, internamente, e por consequência são refletidos nos preços no varejo.

**Frango em pedaços** – A alta dos preços acontece pela maior procura pelo frango, substitutivo natural da carne bovina, e principalmente devido ao aumento das exportações do produto. Desde os últimos meses o setor vem sofrendo com as recentes altas no preço das matérias primas – milho e soja – para a produção de ração, o que tem elevado consideravelmente o custo de produção. O cenário de preços também reflete a alta procura pela proteína, que com isso tem vivenciado redução dos estoques no setor e conseqüentemente elevação dos preços.

# Comunicado Técnico

IPCA – Junho de 2021

Edição 20/2021 | 12 de julho

[www.cnabrazil.org.br](http://www.cnabrazil.org.br)



**Carnes** – A maior retenção de fêmeas bovinas, devido ao atual momento do ciclo pecuário, tem influenciado de maneira significativa na oferta de bovinos para abate no país, dados do Indea-MT apontam que o recuo no comparativo a maio/20 chegou a 10,1%. Aliado a esse contexto normalmente o mês de maio marca o início do período de “entressafra” de boi, devido às condições impostas pelo período

seco do ano e a baixa atratividade para suplementação animal devido aos atuais preços de milho e soja. Já as carnes suínas vivenciaram no início de junho um momento de elevação na demanda, tendo em vista o efeito substituição à carne bovina, fato que elevou as cotações do animal em um momento onde a oferta segue pressionada pela alta nos custos de produção, principalmente por parte dos produtores independentes.

## **Principais Quedas de Preço no mês de Junho/2021:**

**Batata-inglesa** – a redução nos preços ocorre em decorrência da colheita da safra da seca no Paraná, Cerrado Mineiro e Goiano e Sudoeste Paulista. A redução nos preços praticados, ainda, foi atenuada pela ocorrência de chuvas na região Sul do país e da redução na qualidade do tubérculo.

**Cebola** – a movimentação nos preços também foi consequência do efeito sazonal de produção. O início da safra em Minas Gerais e Goiás resultaram em maior oferta no mercado. A produção veio acompanhada também de alta qualidade de bulbos. Há expectativa de intensificação de colheita nas próximas semanas e a tendência de redução nos preços deve se repetir.

**Manga** – no caso da manga, o preço foi consequência, principalmente, da demanda menos ativa. As temperaturas amenas na região Sudeste, uma das principais consumidoras da fruta, foi o principal impulsionador da redução do consumo.

**Tomate** – os preços foram impactados também pelo encolhimento da demanda. A crise econômica e restrições de mobilidade resultaram em redução nos preços. Porém, soma-se a isso, a intensificação na colheita no início do mês.

**Arroz** – no caso do arroz, a oferta ampla pós-finalização da colheita, nas principais regiões produtoras, e a redução dos preços no mercado internacional atrelada a uma menor taxa de câmbio contribuíram para pressão negativa do preço durante o mês de junho.

# Comunicado Técnico

IPCA – Junho de 2021

Edição 20/2021 | 12 de julho

[www.cnabrazil.org.br](http://www.cnabrazil.org.br)



## **Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil – CNA:**

**Bruno Barcelos Lucchi - Diretor Técnico**

**Reginaldo Minaré – Diretor Técnico Adjunto**

### **Núcleo Econômico**

**Renato Conchon – Coordenador**

**Elisângela Pereira Lopes – Assessora Técnica**

**Fernanda Schwantes – Assessora Técnica**

**Isabel Mendes de Faria – Assessora Técnica**

**Lucas Martins de Araújo – Assessor Técnico**

**Lilian Figueiredo – Coordenadora de Produção Animal**

**Maciel Silva – Coordenador de Produção Vegetal**

**Eduarda Lee – Assessora Técnica**

**Fábio Carneiro - Assessor Técnico**

**Guilherme Mossa de Souza Dias - Assessor Técnico**

**Leticia Assis Valadares Fonseca – Assessora Técnica**